

ENTRE O TESTAMENTO E O TESTEMUNHO. *MAGNETO*: UMA NARRATIVA DO HOLOCAUSTO

Heloiza Montenegro Barbosa
Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)

RESUMO:

Magneto (Erik Magnus Lehnsherr, nascido Max Eisenhardt) é um personagem do Universo Marvel criado e publicado pela Editora Marvel Comics. Trata-se de um sobrevivente do Holocausto, que se torna um mutante com enormes poderes de manipulação de campos magnéticos, além de controlar qualquer tipo de metal. Sua primeira aparição foi em *Malcolm X*, como afirma Stan Lee, em 1963, dando origem a um dos vilões mais reconhecidos das Histórias em Quadrinhos. O presente artigo procura conectar a *Graphic Novel Magneto: Testamento*, lançada em 2008 e traduzida para o português em 2009, com autores relacionados ao Holocausto, pesquisadores e ficcionistas.

PALAVRAS-CHAVE:

Magneto; História em Quadrinhos; Holocausto.

ABSTRACT:

Magneto (Erik Magnus Lehnsherr, born Max Eisenhardt) is a Marvel Universe character created and published by Marvel Comics. He is a Holocaust survivor, who becomes a mutant with enormous powers of manipulation of magnetic fields, besides controlling any type of metal. His first appearance was in *Malcolm X* in 1963, as Stan Lee states, giving rise to one of the most recognizable villains in Comics. This article attempts to connect to Graphic Novel *Magneto: Testament*, launched in 2008 and translated into Portuguese in 2009, with authors related to the Holocaust, researchers and fiction writers.

KEYWORDS:

Magneto; Comics; Holocaust.

INTRODUÇÃO

A origem das histórias em quadrinhos é frequentemente discutida: em *A Enciclopédia dos Quadrinhos*. No artigo escrito por Goida – um dos organizadores –, afirma-se que:

A narrativa figurada é muito mais antiga do que se possa imaginar.
Se você entra em uma igreja e vê os quadros de uma via-sacra,
de certa maneira está em frente a uma das mais primitivas
histórias em quadrinhos. (GOIDA; KLEINERT, 2014, p. 9)

Porém, tanto a *Enciclopédia* quanto o livro *A magia dos quadrinhos*, do escritor pernambucano Roſtand Paraíso, trazem a mesma informação referente à primeira história em quadrinhos, tal como conhecemos nos dias atuais: em 16 de fevereiro de 1896, de Richard Outcault, nascia *The Yellow Kid*, nas páginas do *New York World* (PARAÍSO, 2008, p. 17). As *daily strips* conquistaram espaços nos jornais no início da década de 1920 e, conseqüentemente, as temáticas foram se expandindo, ganhando novos modelos de protagonistas e formatos. Esse avanço foi tão grande que a década de 1930 é conhecida como “A era de ouro” dos Quadrinhos, e é nesse momento que os primeiros protótipos de super-heróis foram criados, como *Dick Tracy* (1931), *Mandrake* (1934) e *O Fantasma* (1937).

Entretanto, o primeiro super-herói propriamente dito só aparece de fato em 1938, com a criação da revista mensal *Action Comics*, por Joe Shuster e Jerry Siegel: o *Superman*. O sucesso da revista mobiliza outros artistas, tentando recriar a mesma fórmula, trazendo novos personagens. A própria *Detective Comics* e sua “companhia-irmã”, a *All-American Publications*, criam novos personagens: *Batman* (1939), *Lanterna Verde* (1940), *Mulher-Maravilha* (1941), entre outros. Aproveitando-se disso, a *Timely Comics* é criada em 1939 e também lança seus próprios super-heróis, como o *Tocha-Humana* (1939) e *Capitão América* (1941). (GOIDA; KLEINERT, 2014, p. 10).

Após a Segunda Guerra Mundial, observa-se uma transformação nas histórias em quadrinhos: os quadrinhos europeus começam a alcançar maior renome. Nos Estados Unidos, houve uma decadência dos super-heróis, que já não faziam mais sentido num mundo que tentava encontrar a paz. Aliado a esse sentimento de pacificação, a censura e limites impostos pelo governo fazem com que a cena *underground* dos quadrinhos cresça. É nesse momento – na década de 1960 – que dois eventos, essenciais na história dos quadrinhos, acontecem: em setembro de 1963, escrito por Stan Lee e com desenhos de Jack Kirby, é publicada a primeira edição de *X-Men*. Em 1967, Hugo Pratt publica *Corto Maltese*, considerada a primeira *Graphic Novel* (GOIDA; KLEINERT, 2014, p. 11).

O primeiro grupo que formavam os X-Men, ainda em 1963, era composto por

Ciclope, Jean Grey, Anjo, Fera e Homem de Gelo. A ideia inicial, discutida por Kirby e Lee, era de se criar um *background* mais simplista para os super-heróis: eles haviam nascido daquela maneira. Nada de radiação ou de experimentos. No início dos anos 1970, a Marvel não produziu novos quadrinhos dos X-Men. O renascimento dos X-Men ocorre em 1975, com a chegada de Len Wein e Dave Cockrum, quando foi montada uma nova equipe, trazendo novos personagens de diferentes culturas: Noturno, que era alemão; Colossus, proveniente da União Soviética; Banshee, um irlandês; entre outros. Essa representação é um dos fatores mais importantes para a consolidação dos X-Men nas histórias em quadrinhos. Sobre isso, Joe Quesada, atual CCO da Marvel Entertainment, diz:

The plan was to create a team of characters that were not only diverse in their powers; their diversity would be compounded by their ethnicity, genders, political views and preferences within. A super-powered team that reflected the diversity of a world that was shrinking by the minute. A world whose future could be glorious if we all learned the lessons of tolerance and acceptance, or could end up as a black pit of despair if we let fear rule our lives. Needless to say, this struck a cord within all of us, and the X-Men were reborn. (QUESADA apud DAROWSKI, 2014, p. 123)¹

É em 1976, quando Chris Claremont passa a cuidar dos roteiros de X-Men, que a história passa por mais uma revolução: os X-books, livros que traziam sagas isoladas, além da valorização das histórias individuais de cada personagem (GOIDA; KLEINERT, 2014, p. 97). Chris Claremont ficou responsável pelos X-Men até 1991, mas seu legado ainda permanece: as sagas individuais, os X-books, as animações, além da introdução constante de novos personagens.

Em 2000 é lançado o primeiro filme, *X-Men*, o que acaba por renovar as histórias em quadrinhos a conquistar um novo público. O sucesso é tão grande que a trilogia é continuada em 2003 (*X2*) e em 2006 (*X-Men: The Last Stand*). Logo depois, os filmes solo do Wolverine: *X-Men Origins: Wolverine*, de 2009; *The Wolverine*, de 2013 e *Logan*, de 2017. Em 2011 é iniciada a “prequel” dos primeiros filmes: *X-Men First Class*, de 2011; *X-Men: Days of Future Past*, de 2014 e *X-Men: Apocalypse*, de 2016. Também lançado em 2016, *Deadpool* faz parte dos filmes relacionados ao universo do

¹ “O plano era criar um time de personagens que não eram apenas diversos em seus poderes: a sua diversidade seria composta por suas etnias, gêneros, visões políticas e preferências dentro dela. Um time superpoderoso que refletia a diversidade de um mundo que estava diminuindo a cada minuto. Um mundo onde o futuro poderia ser glorioso, se nós aprendêssemos as lições de tolerância e aceitação ou poderia acabar como um buraco negro se nós deixássemos o medo comandar nossas vidas. Desnecessário dizer que isso nos trouxe lembranças, e os X-Men renasceram”. (Tradução da autora).

X-Men e, por último, a série *Legion*, de 2017.²

MAX, ERIK, MAGNETO

Sobre Magneto, em uma entrevista publicada na *Uncanny X-Men 500 Issues Celebration*, Stan Lee fala que:

Did not think of Magneto as a bad guy. He just wanted to strike back at the people who were so bigoted and racist... he was trying to defend the mutants, and because society was not treating them fairly he was going to teach society a lesson. He was a danger of course... but I never thought of him as a villain.³

Em outras ocasiões, o próprio Lee comenta que sua principal inspiração para Magneto foi o ativista negro Malcolm X, enquanto Professor Xavier era inspirado em Martin Luther King Jr. Apesar dos dois ativistas estarem vinculados a uma mesma motivação (a segregação racial vigente nos EUA e as lutas pelos Direitos Civis na década de 60), a maneira como lidavam com isso era distinta, assemelhando-se à maneira que Magneto e Professor Xavier observam a causa mutante. Assim, a própria essência da criação de Magneto baseia-se em uma conexão com a realidade.⁴ Porém, o que realmente estabelece a conexão entre o personagem ficcional e a história são suas origens enquanto vítima dos campos de concentração nazistas na Segunda Guerra Mundial, sobre o que trata a obra aqui estudada.

A história de Magneto vai se construindo com os anos – algumas informações são distribuídas nos anos de publicação, mesmo nos filmes – até, eventualmente, aparecer em *X-Men: Magneto - Testament*. Com roteiro de Greg Pak, com desenhos de Carmine Di Giandomenico e cores por Matt Hollingsworth, *Testament* traz Magneto ainda com seu nome original⁵: Max Eisenhardt. No posfácio escrito por

2 <[https://en.wikipedia.org/wiki/X-Men_\(film_series\)](https://en.wikipedia.org/wiki/X-Men_(film_series))>.

3 “Nunca pensei nele como um cara ruim. Ele só queria revidar contra as pessoas que eram tão intolerantes e racistas... Ele estava tentando defender os mutantes, pois a sociedade não os tratava justamente, ele queria ensinar uma lição à sociedade. Ele era perigoso, claro... Mas eu nunca pensei nele como um vilão”. (Tradução da autora).

4 <<http://edition.cnn.com/2011/SHOWBIZ/Movies/06/03/xmen.legacy.go/index.html>>.

5 Magneto também é conhecido como Erik, nome que utiliza depois de sair do Campo de Concentração.

Pak, ele agradece a Chris Claremont, o responsável por criar a história de Magneto como sobrevivente do Holocausto, além de abrir “caminho para que um dos mais bem-sucedidos transmitisse a milhares de leitores alguns aspectos críticos, porém menos conhecidos da história do Holocausto”. (PAK, 2009, p. 122).

A história começa em 1935, com o crescimento do antissemitismo na Alemanha. Max é um pré-adolescente, morando com os pais, acostumando-se com as constantes regras que limitam a sua rotina, tais como a mudança de sua realidade; as relações entre ele e os colegas arianos; o momento que se despede de Magda, filha de uma funcionária do colégio, de origem cigana, e por quem nutria afeto. Aos poucos, novos eventos vão acontecendo – e a narrativa vai se conectando com eventos reais, históricos, trazendo veracidade para o texto – e Max vai acompanhando tudo: as leis de Nuremberg, em 1935, onde seu tio é preso por relacionar-se com uma alemã; os Jogos Olímpicos, em 1936; as primeiras deportações; o assassinato de Ernst vom Rath e, conseqüentemente, a *Kristallnacht*, em 1938; a tentativa de fuga para a Polônia, em 1939; a construção dos Guetos, no final de 1940; até a eventual chegada em Auschwitz, em 1942.

É em Auschwitz que Max encontra um antigo professor da época da escola, que o aconselha a mentir a própria idade – Max diz que tem 18 anos –, o que o faz ser selecionado para o campo de adultos. Com ajuda do professor, Max consegue uma posição dentro de um dos armazéns, no qual permanece por dois anos. Esse recorte de dois anos marca o crescimento de Max, onde ele se apresenta, ao escrever uma carta e enterrá-la no campo, dentro de um pote⁶:

Meu nome é Max Eisenhardt. Faz quase dois anos que sou um Sonderkommando de Auschwitz. Já vi milhares de homens, mulheres e crianças caminhando de encontro à morte. Ajudei a recolher cadáveres das câmaras de gás. Arranquei inúmeras arcadas dentárias para que os alemães removessem dentes e restaurações de ouro. Sou um dos trabalhadores que carregam os mortos para as fornalhas. Os nazistas me ensinaram até a combinar cada corpo de criança com o de um adulto, pois assim eles queimam melhor. Eu vi companheiros de trabalho serem enterrados vivos sob avalanches de cadáveres em decomposição... e presenciei fogueiras gigantes a céu aberto, nas quais nazistas queimam milhares de inocentes assassinados. Até hoje, meus olhos já devem ter visto no mínimo uns 250 mil seres humanos massacrados... e não pude salvar nem ao menos um.

6 Um caso semelhante ganhou a mídia neste ano: depois de ter sido achado em 1980 dentro de uma garrafa, os textos escritos por Marcel Nadjari, que também ficou preso em Auschwitz, finalmente foram traduzidas, depois de um longo processo de restauro:

<<https://www.cartacapital.com.br/internacional/nao-estou-triste-por-morrer-mas-por-nao-poder-me-vingar>>.

Assim como nenhum deles poderia me salvar. Se alguém encontrar esta mensagem, eu sinto muito... pois estou morto... e agora o fardo é seu. Conte minha história a todos que queiram ouvir, e até mesmo a quem não quiser. Por favor. Não deixem que este horror jamais se repita (PEK, 2009, pp. 91-93).

Em 1944, Auschwitz era o principal campo. Em *A History of the Nazi Concentration Camps*, Nikolaus Wachsmann afirma que o crescimento de Auschwitz ocorreu entre o final de 1941 e 1942, alcançando o seu apogeu em 1944. Outros fatores importantes que Wachsmann coloca para a “perpetuação” do nome de Auschwitz é que, ao contrário dos outros campos, sua estrutura não foi completamente destruída no fim da guerra, além da eclosão das narrativas de testemunho: “the abundance of testimony”, nas palavras de Wachsmann (2015, p. 292). Essas narrativas reais inspiraram as narrativas ficcionais, desse modo, a escolha desse campo em particular pode ser explicada.

Depois de todos os anos no campo, Max finalmente encontra-se com Magda, que havia sido transferida para o campo antes dele. Os dois, já adolescentes, se reconhecem e Max começa a pagar soldados alemães para que Magda fique protegida, tentando salvá-la da *Zigeunernacht*, em agosto de 1944, quando o acampamento cigano é destruído. Magda é levada para fora do campo, mas eventualmente volta, e é encontrada por Max, que a leva para dentro do seu quarto em Auschwitz. Posteriormente, ambos conseguem fugir em uma das rebeliões, em outubro de 1944.

A história de *Testament* termina com um resumo do eventual fechamento de Auschwitz, além de Max – em setembro de 1948 – voltando para o campo, onde desenterra o pote que havia enterrado anos atrás e repetindo trechos da carta que havia deixado, olhando para o alto.

TESTAMENTO E TESTEMUNHO

Assim que a Segunda Guerra Mundial acabou, muitos dos seus sobreviventes ganharam um novo *status*: o de narradores. Aqueles que sobreviveram sentiam-se na obrigação de falar, de contar suas experiências. Foi a partir dessas narrativas que os estudos sobre trauma se desenvolveram, em especial, Theodor Adorno e Walter Benjamin (MEEK, 2010, p. 18). Para Márcio Selligman-Silva, no artigo *Narrar o trauma* – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas, a narrativa sobre trauma:

teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de

romper com os muros do Lager. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro (SELLINGMAN-SILVA, 2008, p. 1).

Essa ideia de desconstrução dos muros funciona com diversas narrativas de holocausto, sejam ficcionais ou reais: um bom exemplo desse fenômeno é o cinema, no qual histórias com alguma relação ao holocausto – mais uma vez, sejam baseadas em narrativas reais ou ficcionais – costumam conquistar um grande público.

No caso de *Testament*, é uma maneira de criar um vínculo entre o leitor de quadrinhos e o evento real, dando legitimidade à história e fortalecendo as características do personagem: o que faz Magneto tão fascinante é como a sua experiência de vida exerce influência dentro dos quadrinhos, exerce influência na sua construção como vilão.⁷

Em *The Psychology of Superheroes*, o autor traz um trecho de um diálogo entre Magneto e Vampira (Rogue), enquanto olham para a Estátua da Liberdade, no filme *X-Men* (2000), que deixa clara a maneira em Magneto observa o mundo ao seu redor:

Magneto: I first saw her in 1949. America was going to be the land of tolerance. Peace.

Rogue: Are you going to kill me?

Magneto: Yes.

Rogue: Why?

Magneto: Because there is no land of tolerance. There is no peace. Not here, or anywhere else that women, children, whole families are destroyed simply because they were born different from those in power (LYUBANSKI, 2008, p. 78).⁸

Ao trazer as teorias de Roland Barthes e Walter Benjamim, no livro *Trauma and Media: Theories, Histories, and Images*, Allen Meek faz comentários sobre a relação entre trauma e fotografia. Esses comentários, em alguns pontos, podem se conectar com as histórias em quadrinhos. Quando Meek fala, por exemplo, que “for Barthes, as

7 <<http://www.ign.com/lists/top-100-comic-book-villains>>.

8 “Magneto: Eu a vi pela primeira vez em 1949. América seria a terra da tolerância. Paz./Vampira: Você vai me matar?/Magneto: Sim/Vampira: Por quê?/ Magneto: Por que não existe terra de tolerância. Não existe Paz. Nem aqui, ou qualquer lugar que mulheres, crianças, famílias inteiras são destruídas simplesmente por que elas nasceram diferentes daqueles que estão no poder.” (Tradução da autora).

for Benjamin, photography formed an intrinsic part of the modern relation to history”⁹. (MEEK, 2010, p. 109). E continua:

Barthes’s meditations on the traumatic dimensions of the photograph appear to fit a contemporary cultural mood in which the individual, by identifying with the victim, inserts him/herself into a history which is imagined as traumatic (MEEK, 2010, p. 109).¹⁰

Até mesmo a origem de Magneto conecta-se com um momento em que os Estados Unidos passaram a debruçar-se nas narrativas do Holocausto, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, a partir do julgamento de Eichmann, narrado por Hannah Arendt, em 1961, para o *New Yorker* e com a Guerra dos Seis Dias, onde o olhar americano volta-se para Israel (MEEK, 2010, p. 133).

Questions of historical memory have played a pivotal role in the rise of identity politics, most notably in the United States, and in fuelling the tragic proliferation of civil and ethnic conflicts around the world (BELL, 2006, p. 1).¹¹

Da mesma maneira que os quadrinhos publicados na *Golden Age* dos quadrinhos (GOIDA; KLEINERT, 2014, p. 10) traziam imagens que remetiam aos vilões reais da época – como Hitler – e criações a partir desses mesmos vilões – como a HIDRA, dos quadrinhos do Capitão América –, *Testament* pode ser considerada parte da “mitologia do Holocausto” que se criou na mídia em geral.

Magneto não é só mais um vilão raso. Ele é um sobrevivente. E, como tal, merece ter sua própria história. E, como Elie Wiesel, Primo Levi, Viktor Frankl e tantos outros narradores reais, a sua experiência o marca para sempre, sendo a razão de sua existência e de suas atitudes.

9 Para Barthes, como para Benjamin, a fotografia formou uma parte intrínseca da relação moderna com a história. (Tradução da autora).

10 “As meditações de Barthes sobre as dimensões traumáticas da fotografia parecem encaixar um clima cultural contemporânea em que o indivíduo, por meio da identificação com a vítima, insere ele/ela mesma em uma história que é imaginado como traumática”. (Tradução da autora).

11 “As questões da memória histórica têm desempenhado um papel fundamental no surgimento das políticas indenitárias, principalmente nos Estados Unidos, e no abastecimento da trágica proliferação de conflitos civis e étnicos em todo o mundo. (Tradução da autora).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os X-Men nascem para preencher um espaço dentro das histórias em quadrinhos, no qual os super-heróis pudessem conectar-se com o mundo real, feito de pessoas diferentes. Adolescentes, adultos, imigrantes, negros viam-se representados. Muito do sucesso dos X-Men – além da narrativa e das histórias que se constroem no universo – se dá graças a esse sentimento de identificação que o leitor tem com os personagens. No caso de Magneto, a importância dessa identificação se dá no âmbito histórico e sentimental: o Holocausto é tão constantemente estudado e mostrado, o sentimento de que ele ‘jamais deve ser esquecido’ é tão forte na sociedade, que é quase impossível não entender os aspectos que transformam Max Eisenhardt em Magneto.¹² Ele é vítima de uma sociedade que o excluiu, tentou destruí-lo por ser judeu. E agora essa mesma sociedade procura destruí-lo por outra razão. Ele é constantemente perseguido por ser quem é:

The X-Men are hated, feared and despised collectively by humanity for no other reason than that they are mutants. So what we have here, intended or not, is a book that is about racism, bigotry and prejudice (CLAREMONT apud DAROWSKI, 2014, p. 73).¹³

Com o constante reaparecimento de símbolos nazistas¹⁴, crimes de ódio¹⁵ e difusão de ideias totalitárias¹⁶, *Testament* ganha um poder maior, como maneira de se trazer o Holocausto para os públicos mais jovens, criar conexões e, com o pedido do próprio Magneto: “Por favor. Não deixem que este horror jamais se repita”.

12 “Esse sentimento é tão forte que tanto em *X-Men First Class* quanto no filme *X-Men*, uma vez que suas primeiras cenas retratam Max no Campo de Concentração.”

13 “Os X-Men são odiados, temidos e desprezados por nenhuma outra razão do que a que eles são mutantes. Então, o que temos aqui, intencionalmente ou não, é um livro sobre racismo, intolerância e racismo.” (Tradução da autora).

14 <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-40915356>>.

15 <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/intoleranciacom-documentario-sobre-crimes-de-odio-no-brasil-ganha-trailer-assista.ghml>>.

16 <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/06/neonazistas-do-brasil-formam-rede-com-grupos-do-exterior.htm>>.

REFERÊNCIAS

BIGSBY, Christopher. **Remembering and imagining the Holocaust: the chain of memory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

DAROWSKI, Joseph James. **Reading the uncanny X-Men: gender, race, and the mutant metaphor in a popular narrative**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2014.

GOIDA; KLEINER, André. **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

LYUBANSKY, Mikhail. **Prejudice lessons from the Xavier Institute in The Psychology of Superheroes**. Dallas, Texas: Benbella Books, 2008.

MEEK, Allen. **Trauma and media: theories, histories, and images**. Abingdon-on-Thames, Reino Unido: Routledge, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Em revista *Psicologia Clínica*, vol. 20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acesso em: 31 de outubro de 2017. Rio de Janeiro, 2008.

PAK, Greg. **Magneto: Testamento**. Greg Pak, roteiro; Carmine di Giandomenico, desenhos; Fernando Bertacchini, tradução. Barueri, São Paulo: Panini Comics, 2009.

PARAÍSO, Rostand. **A magia dos quadrinhos**. Recife, PE: Bagaço, 2008.

WACHSMANN, Nikolaus. **A history of the nazi concentration camps**. New York: Abacus, 2016.

